



Recepção das Informações da Imprensa pelos Moradores de Rua do Centro de Curitiba¹

Luciane Leopoldo BELIN²
Kelly Cristina de Souza PRUDÊNCIO³
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Os chamados moradores de rua são considerados pelo senso comum como pessoas à margem da sociedade, geralmente vítimas ou infratores. São, em geral, desconsideradas como público das informações da imprensa. Mas, não se sabe quais são os meios de comunicação utilizados por esta população e quais os formatos utilizam para comunicar as informações e interpretá-las. Qual é o contato que esta população tem com os meios de comunicação, como recebem, interpretam, transmitem as mensagens que são produzidas por mídia e imprensa? Como se manifestam culturalmente? Para analisar este aspecto, é necessário encará-los sob a condição de sujeitos. Para tanto, do ponto de vista da comunicação, é importante utilizar como base teórico-metodológica os Estudos Culturais ingleses e dos Estudos de Recepção latino-americanos.

Palavras-chave

Estudos culturais; estudo de recepção; moradores de rua

Segundo pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), a cidade de Curitiba, no Paraná, tem 2.776 pessoas que residem nas ruas. A pesquisa do MDS classifica como “moradores de rua” todas as pessoas com idade igual ou superior a 18 anos, que tem como residência as “calçadas, locais sob marquises, pontes e viadutos; parques e praças; praias, (...) rodoviárias e portos; estradas de ferro desativadas e margens de rodovias; áreas internas de construções, túneis, galerias subterrâneas; depósitos e prédios abandonados” (MDS, 2009), entre outros.

De acordo com o levantamento, do total de pessoas em “situação de rua”, apenas 15,1% nunca estudaram, enquanto as demais já passaram algum tempo frequentando escolas. Levando em consideração apenas este dado, não é possível saber se essas

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da UFPR, email: lucianebelin@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPR, email: kellyprudencio@ufpr.br



peças têm contato com os meios de comunicação (aqui englobam-se apenas os veículos televisão, rádio, jornais e revistas impressos) e como elas absorvem e interpretam as informações recebidas.

Para analisar se existe este contato, é preciso um estudo da relação desta população com os meios de comunicação já mencionados, observando com que frequência o contato existe e quais são, dentre esse meios, os principais fornecedores de informação dos moradores de rua da região Centro de Curitiba bem como a influência que a vida nas ruas exerce sobre a interpretação da mensagem recebida – e vice-versa.

O problema está concentrado nas seguintes questões: Os indivíduos em situação de rua no centro de Curitiba leem jornais e revistas? Assistem televisão ou escutam rádio? De que forma isso acontece? Através de empréstimos ou doações de terceiros, materiais encontrados nos lixeiros, intermédio das instituições mantenedoras de albergues ou habitações coletivas? Que outras formas existem?

Para a realização desta pesquisa serão utilizadas duas bases teóricas complementares, os Estudos Culturais e os de Recepção. Ambas utilizam as chamadas pesquisas qualitativas, desenvolvidas inicialmente na Escola de Chicago, que pode ser considerada a precursora desta metodologia, por conta de seus estudos da imigração e da adaptação dos imigrantes à sociedade estadunidense, além de uma análise única das gangues da cidade de Chicago.

Uma das contribuições mais importantes dos sociólogos da Escola de Chicago foi o desenvolvimento de métodos originais de investigação: utilização científica de documentos pessoais, trabalho de campo sistemático, exploração de diversas fontes documentais. Claramente orientados para o que é hoje chamado de sociologia qualitativa, tais métodos foram contemporâneos, na própria Chicago, de uma sociologia quantitativa, que viria a suplantá-la a partir da Segunda Guerra Mundial (COULON, 1995, p.08).

A análise dos dados coletados será norteada pela segunda perspectiva, os estudos dos autores latino-americanos sobre a recepção das mensagens e o papel do receptor. Será levada em consideração a forma como a vida nas ruas interage sobre a interpretação das mensagens que os moradores das ruas recebem através deste contato com os meios de comunicação.

Os estudos de recepção questionam as primeiras teorias da comunicação norte-americanas que criaram o modelo comunicativo “condutivista” (MARTIN-BARBERO.



1995, p.41). Na concepção de Jesus Martín-Barbero, esta epistemologia de simples condução da informação engana-se ao pregar que:

A iniciativa da atividade comunicativa está toda colocada no lado do emissor, enquanto do lado do receptor a única possibilidade seria a de reagir aos estímulos que lhe envia o emissor. Essa concepção epistemológica condutista realmente faz da recepção unicamente um lugar de chegada e nunca um lugar de partida, isto é, também de produção de sentido. (MARTÍN-BARBERO. 1995, p.41).

Os estudos de recepção concebem o conceito de mediações nos processos comunicativos, sugerindo que a recepção introduz mecanismos que interferem na forma como a mensagem será interpretada. Uma delas é o conceito de “destempos” (MARTÍN-BARBERO. 1995, p.44), que se insere no contexto como uma anacronia do processo. A mensagem é transmitida em um determinado contexto e é passível de variações se levados em consideração os processos de transição entre o emissor e o receptor.

Estes “destempos” devem ser considerados para que o processo comunicativo possa fugir do modelo mecânico e fechado que constitui as teorias condutivistas, como a teoria funcionalista, das escolas norte-americanas.

Esta concepção teórica data dos primeiros estudos realizados na América do Norte e não leva em consideração o papel do receptor nem os ruídos da transmissão da mensagem. O indivíduo não possui capacidade de analisar e interpretar, recebe a informação como se esta fosse introduzida através de uma agulha. Este paradigma, que ficou conhecido com a “Teoria hipodérmica”,

defendia a visão de que as mensagens massmediatizadas têm um impacto direto nas pessoas, produzindo inevitavelmente comportamentos prognosticáveis; esses efeitos aconteciam em todas as pessoas, fossem quais fossem os atributos sociais ou psicológicos do indivíduo; e todas as pessoas eram membros iguais de uma audiência de massas que respondia de forma igual a todos os estímulos midiáticos (TRAQUINA, 2001, p.15).

Embora tal teoria já tenha sido anulada por estudos posteriores e pesquisas que demonstraram existir interferências do receptor no processo comunicativo, ainda existe um senso comum em torno da “atomização” dos indivíduos menos instruídos, especialmente dos moradores de rua.

Para esta pesquisa em particular, os estudos de recepção permitirão analisar a influência das experiências pessoais de tais indivíduos sobre a recepção da mensagem e



qual seu papel na concepção de informação e comunicação da categoria estudada, ou seja, de que forma os moradores de rua recebem as mensagens que são transmitidas pela televisão, rádio, jornais e pelas revistas.

3. Cultura de Rua: uma Questão de Escolha

O termo sugerido pelos órgãos públicos para definir a população que vive nas ruas é “indivíduos em situação de rua”. Entretanto, a rua, para muitos deles, pode ser muito mais do que apenas uma situação, mas uma espécie de “filosofia de vida” que faz parte da cultura destas pessoas. Assim como os motivos que determinam a preferência dos moradores de rua pelos espaços públicos fazem parte da cultura desta população, a comunicação entre os indivíduos que integram esta “categoria” e a forma como recebem, interpretam e carregam para sua vida as informações da imprensa e dos demais meios também são elementos característicos e intrínsecos a eles. Ou seja, ler jornal ou revista, ver televisão, ouvir rádio, ou conversar sobre as notícias é uma decisão individual que pode também significar uma representação cultural dos moradores de rua.

Para analisar tais motivos destas pessoas e tratá-las como sujeitos, dotados de poder de escolha e de opiniões próprias, é preciso se desvestir de “pré-conceitos” e de opiniões já formadas, assim como do senso comum que os trata apenas como vítimas ou como infratores.

Nas teorias relacionadas à comunicação e aos processos sociais, a escola teórica que melhor se adéqua para embasar este formato de análise é a dos Estudos Culturais, bem como a temática dos Estudos de Recepção, que sugerem aos pesquisadores que se insiram na cultura dos “objetos” de estudo para entender da melhor forma os processos que os envolvem; encaram os receptores de informação também como produtores de significados, atitudes e situações, não apenas como sujeitos passivos.

A metodologia empregada nos *Cultural Studies* é a pesquisa qualitativa, que evita os questionários fechados e a indução a determinadas respostas, conferindo maior liberdade para que o sujeito entrevistado possa responder de acordo com suas necessidades e seus impulsos. Nela, manifestações dos mais variados formatos, gestos, interjeições e silêncios também são considerados como expressão dos sujeitos.



Assim como a inserção do pesquisador no meio analisado e a utilização de documentos dos indivíduos que são alvo das análises, que também podem ser empregados em pesquisas que constituem os estudos culturais e de recepção, as investigações qualitativas são fruto de uma perspectiva teórica norte-americana datada no início do século XX, a Escola de Chicago. Em seus trabalhos direcionados à análise do comportamento das gangues da cidade e também da adaptação dos imigrantes, entre outros, os investigadores cunharam esta metodologia que firmou-se como uma das mais importante na comunicação e nas áreas do conhecimento que envolvem grupos sociais e populações diversas, como a sociologia e a antropologia.

3.1. Cultura: um termo, muitos conceitos

Para falar de Estudos Culturais ou mesmo de Estudos de Recepção, é imprescindível antes discutir o conceito de cultura – temática que serve como base e como pano de fundo para suas pesquisas – e a maneira como ela é encarada pelos pesquisadores destas vertentes.

Em seu livro *A Ideia de Cultura* Terry Eagleton⁴ discute a evolução do conceito de cultura desde a raiz gramatical da palavra até as mais complexas interpretações do termo. O autor explica que “cultura” (em inglês, *culture*) é uma derivação da raiz latina *colere*, “que pode significar qualquer coisa, desde cultivar e habitar a adorar e proteger”. (EAGLETON, 2005, p.10) Esta abertura que permite à raiz abarcar “qualquer coisa” parece ter sido também incorporada pela cultura, já que este termo também pode significar tantos processos.

Nas mais variadas escolas teóricas, a cultura é visualizada sob aspectos diferentes e com significados diversos. A chamada Teoria Crítica, por exemplo, tem como um dos principais objetos de pesquisa a Indústria Cultural e a forma como ela altera o “espírito” da arte, unindo a cultura de elite e a cultura popular e diminuindo o espaço entre os elementos desta dicotomia, transformando a cultura numa mercadoria e o processo artístico em comercial. A indústria cultural estende o alcance dos elementos artísticos, antes só disponíveis para uma pequena parcela da sociedade: as mais belas e famosas pinturas de artistas clássicos, as canções compostas por grandes cantores

⁴ Pseudônimo de Thomas Warton, teórico inglês que foi aluno de Raymond Williams na Universidade de Cambridge.



contemporâneos, as obras de arte caríssimas que enfeitam os museus e as casas das famílias mais abastadas. Tudo isso pode ser reproduzido, massificado.

Esta ampliação do alcance da cultura, para os autores da Teoria Crítica, extingue – ou compromete, prejudica – as particularidades de ambas: da cultura de elite, porque elimina a exclusividade e a “aura” que tanto engrandece a obra de arte, e da cultura popular, pois influencia com as reproduções da alta cultura as manifestações mais peculiares de cada povo. As classes operárias, então, seriam as mais prejudicadas, pois consomem produtos culturais que geram uma alienação, uma ilusão de vida. “A nova produção cultural tem a função de ocupar o espaço do lazer que resta ao operário e ao trabalhador assalariado depois de um longo dia de trabalho, a fim de recompor suas forças para voltar a trabalhar no dia seguinte, sem lhe dar trégua para pensar sobre a realidade miserável em que vive.” (FREITAG, 1994, p. 72).

Entretanto, a Indústria Cultural e sua influência sobre a maneira como as pessoas escolhem suas atividades de lazer e buscam a arte é só um dos aspectos envolvidos por este conceito. A “cultura” pode ser tudo o que envolve as manifestações próprias de uma determinada população. São as características sociais, de vida, de trabalho, de lazer, de engajamento político, entre tantas outras coisas, que são comuns a uma comunidade. “A palavra [cultura], assim, mapeia em seu desdobramento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porcos a Picasso, do lavrar do solo à divisão do átomo” (EAGLETON, 2005, p.10).

É com base nesta abrangência diversificada que os pesquisadores que formam a escola dos *Cultural Studies* realizam seus principais trabalhos relacionados à comunicação. Entre eles, Raymond Williams destaca-se pelo esforço em “mapear” as definições da cultura e a forma como ela se manifesta em contextos variados. Segundo Eagleton, em suas investigações Williams distingue sentidos modernos do termo

Com base em suas raízes epistemológicas no trabalho rural, a palavra primeiro significa algo como ‘civilidade’; depois, no século XVIII, torna-se mais ou menos sinônima de ‘civilização’, no sentido de um processo geral de progresso intelectual, espiritual e material. Na qualidade de idéia, civilização equipara significativamente costumes e moral. (EAGLETON, 2005, p.19)

A conceituação de cultura como civilização pode ser, para Eagleton, contraditória. É positiva, quando considera como civilização um grupo de pessoas que compartilham costumes, atividades e pensamentos, mas pode ser negativa quando este



grupo está centrado em apenas um determinado lugar, e tudo o que está fora dele deixa de ser considerado cultura. Por exemplo, quando a população rural ou a indígena, que ficam longe dos centros urbanos e da tecnologia que estes implicam, são considerados indivíduos não civilizados. O fato de estarem distantes não significa que não compõem suas próprias civilizações; são, mas com sua civilidade, sua cultura própria.

Ou seja, a cultura é encontrada em tudo, é representada em todos os setores das sociedades e pelas sociedades, e não só manifesta a forma como a população vive, mas também é a própria vida da população. Em termos menos gerais, Williams apresenta

quatro significados distintos de cultura: como uma disposição mental individual; como o seu estado de desenvolvimento intelectual de toda uma sociedade; como as artes; e como o modo de vida total de um grupo de pessoas. Poder-se ia considerar o primeiro destes como demasiado restrito e o último amplo demais, mas Williams tem um motivo político para essa definição final, já que restringir a cultura às artes e à vida intelectual é arriscar-se a excluir a classe operária dessa categoria. (EAGLETON, 2005, p. 56)

As pesquisas de Williams sobre os significados da cultura e os estudos desenvolvidos primeiramente por Hoggart e Thompson e, mais tarde, por Hall e os demais pensadores dos *Cultural Studies* foi fundamental para a mudança da forma como este termo é encarado. Segundo Mattelart e Neveu, com a escola de Birmingham, “a Cultura deixa de ser analisada sob o aspecto frankfurtiano [*Teoria Crítica*], deixa de ser vista sob o aspecto da influência e extensão às classes operárias e trabalhadoras, à população em geral.” (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 92).

Se não foi por meio dos Estudos Culturais, foi com a ajuda deles que a cultura passou a ser entendida, ao menos estudada, também como a representação dos costumes de um povo, a forma como este pratica suas atividades no cotidiano, como se diverte, quais são suas manifestações artísticas e como ele se expressa. E, não apenas isso, mas as consequências sociais e até políticas da cultura. “As atividades culturais das classes populares são analisadas para ‘interrogar as funções que elas assumem perante a dominação social’. Se a cultura é o núcleo do comportamento, ela o é como ponto de partida de um questionamento sobre seus desafios ideológicos e políticos.” (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 72).

3.1.1. A Virada dos Estudos Culturais



As primeiras pesquisas em comunicação, especialmente as voltadas ao jornalismo, levavam em consideração principalmente apenas o conteúdo e a forma (meios) como este era reproduzido.

A audiência era concebida como um conjunto de classes etárias, de sexo, de casta, etc., mas dava-se pouca atenção às relações que lhe estavam implícitas ou às ligações informais. Não porque os estudiosos de comunicações de massa ignorassem que os componentes do público tinham família e grupos de amigos, mas porque se considerava que nada disso influenciava o resultado de uma campanha propagandística, ou seja, relações informais entre as pessoas eram tidas como irrelevantes para as instituições da sociedade moderna (WOLF, 2001, p. 30)⁵.

Apenas por volta dos anos 1950, percebeu-se uma necessidade de analisar a importância das relações interpessoais na comunicação, sob ângulos e perspectivas diferenciadas do que já estava sendo feito. Uma das primeiras iniciativas que visava estudar grupos sociais distintos foi o *Center for Contemporary Studies of Birmingham* (CCCS), filiado à Universidade de Birmingham, na Inglaterra, fundado em 1964.

Comandado inicialmente por Richard Hoggart, o centro era uma unidade da instituição que realizava análises de estruturas e situações comunicacionais e sociais de diversas origens, levando em consideração a cultura. Lançado em 1957, o livro *The uses of literacy: Aspects of working-class life with special references to publications and entertainments*, de Hoggart, é considerado a obra inaugural de uma escola que se chamaria *Cultural Studies*.

Em sua obra, o autor aborda os mais variados aspectos culturais relacionados à classe trabalhadora inglesa, especialmente aqueles ligados aos veículos de informação dirigidos a este público-alvo. “O autor discute a cultura difundida em meio à classe operária pelos modernos meios de comunicação. Depois de haver descrito com muita fineza etnográfica a paisagem cotidiana da vida popular, o professor de língua inglesa analisa como as publicações destinadas a este público se integram a esse contexto” (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 42).

Por conhecer a convivência e a forma como as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação eram recebidas entre os membros da classe operária, Hoggart podia perceber que tais indivíduos não eram apenas submetidos aos meios de

⁵ Citação de KATZ, E.; GUREVITCH, M.; HAAS, H, *Communication Research and the Image of Society: Convergence of Two Traditions*. American Journal of Sociology, 1969, vol. 65, n.º 5. Citado em WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.



comunicação, mas eram também sujeitos que, ao receber as mensagens, tinham sua própria forma de agir sobre estas, interpretando-as e compartilhando-as entre si.

Os aspectos abordados pela obra de Hoggart e seu objeto de pesquisa foram semelhantes a outros trabalhos realizados na universidade. “Nesta primeira etapa dos Estudos Culturais, ainda plenamente concentrada na Escola de Birmingham, a pesquisa estava delimitada, principalmente nas seguintes áreas: as subculturas, as condutas desviantes, as sociabilidades operárias, a escola, a música e a linguagem.” (ESCOSTEGUY, 2006, p.146).

Outro importante estudioso, considerado o responsável pela mudança de perspectiva na utilização do termo “cultura” e pela inclusão dos procedimentos sociais das classes menos privilegiadas no contexto cultural da população, foi Raymond Williams. Sua obra *Culture and society* (1958), discute a tradição de se considerar a cultura como essencialmente formada pelos produtos artísticos de elite, e a importância de incluir as manifestações comunicacionais e os costumes do cotidiano – mas não apenas isso – na categoria dos processos culturais. O livro “constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a idéia de que a “cultura comum ou ordinária” pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com qualquer outro” (ESCOSTEGUY, 2006. p.139).

Por meio da obra de Williams, o trabalho realizado pelos Estudos Culturais passou a analisar a cultura de um ponto de vista mais antropológico, social, econômico e político, em detrimento da visão unicamente artística, mas levando em consideração também a produção coletiva da cultura.

Com *The making of the english working-class* (1963), o historiador Edward P. Thompson, faz sua contribuição aos *Cultural Studies*, por meio de um retrato da classe operária e da influência do capitalismo sobre a vida dos trabalhadores, manifestações pessoais, formas de lazer e de descontração, engajamento social e religioso.

A maneira como as experiências individuais e coletivas determinam o comportamento de uma população e este é um dos pontos chave dos pesquisadores de Birmingham e o aspecto que liga uma obra a outra.

A primeira geração de autores que forma a escola dos Estudos Culturais é sucedida pelo jamaicano Stuart Hall, que é citado por muitos autores como o “quarto homem” desta corrente, o que levou adiante o trabalho iniciado pelo seu mentor, Richard Hoggart.



Sua experiência como imigrante e negro em terras britânicas foi fundamental para a realização do trabalho teórico que desenvolveu. Em seus artigos (boa parte deles publicada separadamente em revistas e periódicos), Hall analisa o comportamento dos imigrantes para preservar, nas nações em que vivem, a cultura do país onde nasceram. Não apenas o esforço de adequação própria, mas também em adaptar o ambiente às suas necessidades culturais.

Hall desenvolve o conceito de hibridização cultural, falando sobre a forma como elas se influenciam mutuamente, gerando novas formas culturais em uma espécie de círculo vicioso e impossível de ser localizado no tempo e no espaço. “As culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. O que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo” (HALL, 2009, p. 36).

Tanto as pesquisas relacionadas ao operariado realizadas por Hoggart e Thompson, quanto o esforço em conceituar o próprio termo “cultura” empreendido por Williams e os trabalhos de Hall sobre os imigrantes e as demais “minorias” estão, direta ou indiretamente, ligadas ao lado político da cultura. E uma das influências mais claras sobre esta nova forma de pensar os processos comunicativos foi o surgimento da Nova Esquerda na Inglaterra, “um movimento político fortemente socialista, anti-imperialista, antirracista, favorável à nacionalização das principais indústrias e da abolição do privilégio econômico e social” (SCHULMAN, 2006, p.186).

Este engajamento com causas sociais – como a própria Nova Esquerda – é o que diferencia os Estudos Culturais de muitas outras correntes teóricas e o que faz dela, na maior parte do tempo, uma escola mais política do que analítica. Nas palavras do próprio Hall, a escola se diferencia “por manter questões políticas e teóricas numa tensão não resolvida e permanente. Os estudos culturais permitem que essas questões se irrite, se perturbem e se incomodem reciprocamente, sem insistir numa clausura teórica final.” (HALL, 2009, p. 200).

O contexto do pós-guerra e as necessidades modernas relacionadas às minorias influenciaram a definição das problemáticas dos *Cultural Studies*. Foram relacionados a estas minorias sociais os dois momentos considerados por Hall como importantes rupturas empreendidas sobre o CCCS e os Estudos Culturais britânicos em geral. A primeira delas está relacionada ao momento em quem as mulheres passaram a demonstrar maior participação no campo teórico e intelectual, buscando seu espaço no



meio acadêmico. A segunda diz respeito às questões de raça, que levaram os pesquisadores a dar mais atenção a políticas raciais e a trabalhos sobre o racismo.

Ora concordando, ora discordando, o marxismo e suas releituras também tiveram influências marcantes sobre os estudos culturais. Mas, os dois paradigmas decisivos na redefinição e nas rupturas empreendidas nos Estudos Culturais foram o culturalismo e o estruturalismo.

A importância da linguagem, claramente definida como um dos principais objetos de estudo do Estruturalismo, foi um fator de imprescindível participação nas pesquisas dos Estudos Culturais, principalmente nas de Williams, que consideravam as características linguísticas muito mais importantes na determinação de uma cultura do que a semelhança de classes. Isso também foi determinante na trajetória da escola, num momento que Hall chama de “virada linguística”, que ele define como “a descoberta da discursividade, da textualidade” (HALL, 2009, p. 198).

Mas apesar da participação dos pensadores estruturalistas e da influência de Levi-Strauss e Althusser (com seu estruturalismo marxista), e da guinada para análise da influência da ideologia sobre as pesquisas culturais, predomina como paradigma principal sobre os estudos culturais, o paradigma culturalista, que “conceitua a cultura como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana”, (HALL, 2009, p. 133) trazendo a cultura como centro das atenções, em detrimento da ideologia.

Não é possível dizer que os *Cultural Studies* se resumem a uma escola teórica que se inclui apenas em uma determinada área do conhecimento – a antropologia, a sociologia, ou a própria comunicação. Contudo, sua contribuição para os estudos das comunicações é inegável, tanto no âmbito dos procedimentos de pesquisa quanto do fornecimento de subsídios teóricos para as pesquisas subsequentes. As análises realizadas por Hoggart da informação direcionada aos operários e da forma como estes a recebiam é um bom exemplo de como estes pesquisadores se preocupavam com as “consequências” das notícias no ambiente a que são direcionadas. O espaço, as condições e a própria situação da recepção das informações dos meios de comunicação se configurou como um dos principais objetos de pesquisa dos Estudos Culturais.

Foi a questão da importância do ambiente receptivo e do papel do receptor no processo comunicativo um dos principais legados dos Estudos Culturais e um dos motivos para as pesquisas desta vertente teórica terem se espalhado e influenciado



pesquisadores em todo o mundo. Os Estudos de Recepção, desenvolvidos amplamente na América Latina, são um exemplo de influência que trouxe grandes desenvolvimentos teóricos para a área da Comunicação.

3.1.2. Estudos Culturais e Recepção

Por meio de pesquisas qualitativas, os Estudos Culturais levam em consideração a população como sujeitos sociais, abrindo espaços para as análises das minorias, da classe trabalhadora, dos imigrantes. Um dos diferenciais desta perspectiva é a preocupação com a cultura de cada setor da sociedade e a forma como estes segmentos percebem as situações do seu cotidiano. Como estruturam seu dia a dia? Como os imigrantes adaptam-se e adaptam o novo lar à sua cultura? Como a mulher encara a vida moderna e como se insere nos meios que antes eram majoritariamente masculinos? Como a classe trabalhadora recebe as notícias veiculadas pela imprensa? Como os negros lidam com a situação racista com que muitos se deparam em determinados momentos profissionais e pessoais?

Já nos escritos de Hoggart é possível visualizar uma preocupação com a forma como os operários recebiam e “digeriam” as notícias que eram produzidas e direcionadas especialmente para a classe. Em sua obra primordial, ele “estuda o que a cultura de massa faz com o mundo da cotidianidade popular e a forma como aquela cultura é percebida pela experiência operária. Na primeira parte Hoggart investiga por dentro, a partir da vida cotidiana da classe operária inglesa, aquilo que configura o mundo vivo da *experiência* popular” (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 107). O autor se insere no cotidiano operário e percebe a cultura na sua forma natural de existência.

As pesquisas de audiência televisiva também estiveram entre as primeiras formas de estudos da recepção utilizada pelos Estudos Culturais. Mas, a semelhança principal entre ambos é relativa à maneira de encarar os indivíduos como sujeitos dos processos – sociais ou comunicativos – e não apenas como passivos. A noção de codificação e decodificação cunhada especialmente por Stuart Hall também inspirou o desenvolvimento dos estudos de recepção. De acordo com o raciocínio do pesquisador, uma informação não pode ser simplesmente recebida no formato exato que foi transmitida. Ela passa por um processo de “decodificação” para depois ser entendida e utilizada.



Antes que essa mensagem possa ter um “efeito” (qualquer que seja sua definição), satisfaça uma “necessidade” ou tenha um “uso”, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados decodificados que tem um efeito, influencia, entretém, instrui ou persuade, com conseqüências mentais muito complexas. (HALL, 2009, p. 368)

Embora utilizadas pelos pesquisadores britânicos, as análises receptivas transcendem esta escola e são, hoje, presentes em muito mais pesquisas do que as de Birmingham. Os estudos de recepção foram amplamente utilizados na América Latina, onde passaram a ser uma das formas de pesquisa mais empregadas para analisar os grupos sociais em relação à comunicação. Alavancada por pesquisadores como Jesús Martín-Barbero, Nestor García Canclini e Guillermo Orozco, a temática da recepção recebeu contribuições teóricas que ampliaram sua forma de utilização e permitiram importantes avanços nas análises comunicativas.

Os pesquisadores latino-americanos buscaram analisar o processo inteiro da comunicação dando à recepção o status não apenas de uma parte do processo comunicativo, como ela era encarada, mas analisando-a como um processo inteiro, que depende de diversos fatores. O conceito de “mediação”, semelhante ao de decodificação de Hall, passou a ser utilizado como um processo que interfere na comunicação e os resultados desta sobre o indivíduo que recebe a mensagem.

“Assim, a comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais do que de meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos, mas de “re-conhecimento”. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para re-ver o processo inteiro da comunicação a partir do seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí tem seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 16).

Este conceito dá conta de que fatores como os “destempos”, os conhecimentos prévios e a situação da recepção influenciam a forma como a mensagem transmitida é entendida por quem a recebe. A ideia de que a história só tem um sentido e uma direção faz com que a “multiplicidade de temporalidades” implícitas no processo comunicativo deixe de ser levada em consideração, mas prejudica o processo inteiro. A mensagem é transmitida em um determinado contexto e é passível de mudanças se levados em consideração os processos de transição entre o emissor e o receptor.

Também devem ser levadas em consideração as condições em que o momento receptivo acontece: o tempo em que isso ocorre, as mudanças de um contexto para o



outro, as condições em que vive o receptor, suas experiências anteriores que lhe permitem ver a mensagem de forma distinta da objetivada pelo emissor. Essa premissa já era defendida por Stuart Hall em algumas de suas pesquisas.

A falta de adequação entre os códigos tem a ver em grande parte com as diferenças estruturais de relação e posição entre transmissores e audiências, mas também tem algo a ver com a assimetria entre os códigos da “fonte” e do “receptor” no momento da transformação para dentro e para fora da forma discursiva. O que são chamadas de “distorções” ou “mal-entendidos” surgem precisamente da *falta de equivalência* entre os dois lados na troca comunicativa. (HALL, 2009, p. 369).

Nas análises de recepção, não apenas a metodologia utilizada é a qualitativa, mas também é importante que os indivíduos que estão sendo pesquisados estejam em seu ambiente “natural”. “Fica claro que não podemos desvincular o receptor de seu espaço social de recepção e que esse espaço social é diferenciado e institui sociabilidades e modalidades diferenciadas de recepção” (SOUSA, 1995, p. 119).

Esta metodologia qualitativa e a realização da pesquisa sem retirar os indivíduos que são objetos da investigação de seu espaço social são fundamentais para obter resultados mais fiéis em uma pesquisa de comunicação social. Para analisar o contato que os moradores de rua do centro da cidade de Curitiba têm com os meios de comunicação, será necessário utilizar destas metodologias durante a abordagem dos mesmos, para obter uma visão mais próxima ao que os próprios indivíduos têm dos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/institucional/secretarias/secretaria-de-avaliacao-e-gestao-da-informacao-sagi/arquivo-sagi/pesquisas> Acessos em 21/04/2010.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. **Política Nacional para Inclusão da Pessoa em Situação de rua**. Disponível em: <http://www.coepbrasil.org.br/portal/Publico/apresentarArquivo.aspx?ID=2954>. Acesso em 21/04/2010

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papyrus, 1995.



EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais: uma introdução**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HALL, Stuart. SOVIK, Livia (org.). **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais – Stuart Hall**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: SOUSA, Mauro W. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MATTELART, Armand e NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SCHULMAN, Norma. **O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUSA, Mauro W. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

PRUDENCIO, Kelly Cristina de Souza. **A Herança da Escola de Chicago e a interpretação do mundo social**. *Paper* apresentado à disciplina Metodologias qualitativas e interpretação de dados. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.